

A CONCEPÇÃO ANTROPOLÓGICA ARCAICA

1. HOMERO, *Iliada*, VI, 144-149 ¹

..... Respondeu-lhe o ilustre filho de Hipóloco:
“Tidida magnânimo, porque me perguntas pela minha linhagem?
Tal como a geração das folhas, assim também é a dos homens.
As folhas, umas deita-as o vento ao chão, e logo
a floresta viçosa cria outras, quando surge a primavera.
Assim nasce uma raça de homens, e outra cessa de existir.”

2. HOMERO, *Iliada*, XIX, 86-92

..... “Não sou eu o culpado,
mas Zeus e o destino e a Erínia que caminha na sombra, quando,
na assembleia, me lançaram no espírito o desvario selvagem
naquele dia em que arrebatei o presente de honra de Aquiles.
Mas que havia eu de fazer? Uma divindade tudo leva a termo:
é Ate, a filha venerável de Zeus, que a todos cega –
essa entidade funesta.”

3. HOMERO, *Iliada*, XX, 242-243

Mas Zeus acrescenta ou diminui o valor (ἀρετή) dos homens,
Conforme lhe apraz, pois ele é o mais poderoso de todos.

4. HOMERO, *Odisseia*, I, 32-43

“Ora vedel! Como os mortais acusam os deuses!
Dizem que de nós lhes vêm as desgraças, quando são eles
Que por sua insensatez sofrem dores acima das que lhes estavam destinadas,
como ainda agora Egisto excedeu o destino, desposando
a mulher do Atrida, e matando-o quando regressava.
E sabia que a sua morte estava iminente, pois lho predisséramos.
Tínhamos mandado Hermes, o vigilante Argeifonte,
dizer-lhe que não o matasse nem lhe cortejasse a esposa,
pois a vingança do Atrida surgiria por parte de Orestes,
quando chegasse à juventude e sentisse a nostalgia da pátria.
Assim lhe falou Hermes, mas não persuadiu o ânimo de Egisto,
apesar de lhe dar bons conselhos; e agora pagou tudo junto.”

¹ Todos os textos correspondem à tradução de MARIA HELENA DA ROCHA PEREIRA em *Hélade. Antologia da Cultura Grega*, Coimbra, Instituto de Estudos Clássicos da F.L.U.C., 1990⁵.

A PRECARIDADE DO HOMEM E A TIRANIA DO DESTINO

5A. MIMNERMO DE CÓLOFON, fr. 2 Diehl

Quais folhas criadas pela estação florida da primavera, quando de súbito crescem sob os raios do sol, assim somos nós: por um tempo de nada nos deleita a flor da juventude, sem conhecermos o mal ou o bem que vêm dos deuses. Ao lado estão as Keres tenebrosas, uma, detentora da velhice medonha, a outra, da morte. Pouco dura o fruto da juventude – o tempo de o sol derramar a sua luz sobre a terra. E depois, logo que chega o fim da estação, melhor é morrer logo do que viver, pois são muitos os males que surgem no nosso coração: ora é a casa que cai em ruína, e os efeitos dolorosos da pobreza; outro não tem filhos, e, sentindo a sua falta, desce ao Hades, debaixo da terra; outro tem doença que lhe destrói a vida. Não há homem a quem Zeus não dê muitos infortúnios.

5B. SIMÓNIDES DE CÓS, fr. 6 Diehl

Sendo homem, não digas nunca o que acontece amanhã e, se vires alguém feliz, quanto tempo o será. Rápida como o volver de asas de uma mosca, assim é a mudança da fortuna.

5C. PÍNDARO, *Odes Pítacas*, VIII, 95-98

Efémeros! Que somos nós? Que não somos?
Sonho de uma sombra é o homem!²
Mas, quando sobrevier um raio de luz divina,
um brilhante clarão e doce vida
sobrevirá aos homens ...

6A. TEÓGNIS DE MÉGARA, I, 133-142

Ninguém por si mesmo é culpado, ó Cirno, da desgraça ou do lucro: ambos são mandados pelos deuses. O homem não actua com a consciência de que no fim será para bem ou para mal. Muitas vezes, julgando causar o mal, faz-se bem, e, pensando fazer-se bem, surge o mal. Aos homens não sucede quanto querem, detêm-nos os limites da dura incapacidade. Nós, os homens, imaginamos coisas vãs, inconscientes que somos. Os deuses, esses, tudo executam segundo os seus desígnios.

6B. PÍNDARO, *Odes Nemeias*, VI, 1-7

Uma só é a raça dos homens e dos deuses. Ambas respiramos, vindas da mesma mãe. Porém, um poder bem distinto nos separa. Um nada é: e o brônzeo céu, esse permanece sempre seguro. No entanto, algo nos aproxima dos imortais, ou o espírito sublime ou o corpo, apesar de não sabermos que caminho, de dia ou de noite, o destino traçou para nós percorrermos.

² Corrigimos a tradução, que restitui σκιᾶς ὄναρ ἄνθρωπος por “sombra de um sonho é o homem”.

ARETE

7A. TIRTEU DE ESPARTA, fr. 9 Diehl

Eu não lembraria nem celebraria um homem
pela sua excelência (ἀρετή) na corrida ou na luta,
nem que tivesse dos Ciclopes a estatura e a força
e vencesse na corrida o trácio Bóreas,
nem que tivesse figura mais graciosa que Titono,
ou fosse mais rico do que Mídas e Ciniras,
ou mais poderoso que Pélops, filho de Tântalo,
ou tivesse a eloquência dulcíssima de Adrasto
ou possuísse toda a glória – se lhe faltasse a coragem valorosa.
Pois não há homem valente no combate,
se não suportar a vista da carnificina sangrenta
e não atacar, colocando-se de perto.
É esta a excelência (ἀρετή), este é entre os homens o maior galardão
e o mais belo que um jovem deve obter.
É um bem comum para a cidade e todo o povo
que um homem aguarde, de pés fincados, na primeira fila,
encarniçado e todo esquecido da fuga vergonhosa,
expondo a sua vida e ânimo sofredor,
e, aproximando-se, inspire confiança com suas palavras ao que lhe fica ao lado.
Um homem assim distingue-se no combate.
Em breve derrota as falanges furiosas dos inimigos,
com o seu ardor detém as vagas da batalha.
Se ele cair na primeira fila, perdendo a cara vida,
deu glória à cidade, ao povo e ao pai,
se for mal ferido, na frente, através do peito,
do escudo bombeado e da couraça.
Choram igualmente os novos e os velhos,
aflige-se a cidade com amarga saudade.
O seu túmulo, os seus filhos serão notáveis entre os homens,
bem como os filhos dos filhos, e toda a posteridade.
Jamais perecerá a sua nobre glória e o seu renome,
mas mesmo debaixo da terra será imortal,
aquele a quem perder o feroso Ares, quando praticava altos feitos (ἀριστεύειν), e
resistia, combatendo pela pátria e pelos filhos.
Mas, se escapar ao destino da morte que deita por terra,
e alcançar, vitorioso, a glória fulgente da lança,
honrá-lo-ão por igual os jovens e os anciãos,
e, depois de gozar muitas delícias, descera ao Hades.
Quando envelhecer, distinguem-no os cidadãos,
e ninguém quererá prejudicá-lo, faltando ao respeito ou à justiça.
Todos à uma, novos, ou da sua idade, ou mais velhos,
na sua terra, lhe cedem o lugar.
E agora, que todos os homens tentem chegar aos píncaros
desta excelência (ἀρετή), sem desviar seu ânimo da guerra.

ARETE

7B. TEÓGNIS DE MÉGARA

I, 129-130:

Não te vanglories Polipáides, por seres superior em mérito (ἀρετή) ou em riqueza. Para o homem, haverá uma só coisa: a sorte.

I, 149-150:

Riquezas dá-as o deus até ao pior dos homens, ó Cirno: mas a sorte de ter mérito (ἀρετή) a poucos compete.

I, 653-654:

Seja eu feliz e estimado, ó Cirno, pelos deuses imortais, e em nenhum outro mérito (ἀρετή) eu me empenho.

7C. SIMÓNIDES DE CÓS

Fr. 10:

Sem os deuses, ninguém, seja cidade ou homem mortal, atinge a excelência (ἀρετή). É um deus quem tudo sabe. Entre os homens, nada se consegue sem dano.

Fr. 37:

Há um apólogo que diz que Arete habita em rochedos inacessíveis, na companhia de um coro sagrado de céleres ninfas. Porém não é visível aos olhos de todos os mortais – apenas aos daquele que, alagado de suor que devora o ânimo, chegar ao cume, graças à sua coragem.

A EMERGÊNCIA DE UMA NOVA CULTURA

8. HESÍODO, *Trabalhos e Dias*, 274-280

E tu, Perses, põe isto bem firme na tua mente:
atende à justiça, esquece-te por completo da violência.
É essa a lei que o Crónida prescreveu aos homens:
que os peixes, os animais selvagens e os pássaros alados
se devorem uns aos outros, pois entre eles não há justiça:
mas aos homens deu ele a justiça, em muito o maior
dos bens ...

9. HESÍODO, *Trabalhos e Dias*, 287-292

Mal, podes ganhar quanto queiras e em abundância;
fácil é o caminho e mora perto de nós.
Mas ante o mérito (ἀρετή), puseram os deuses o suor;
longo e escarpado é o caminho que conduz até lá,
e áspero a princípio; mas, depois de chegar ao cimo,
em fácil se volve, por difícil que seja.

10. HESÍODO, *Trabalhos e Dias*, 308-316

Pelo trabalho é que os homens enriquecem em gados e bens.
E aqueles que trabalharem são muito mais caros aos imortais.
Trabalho não é vileza, vileza é não trabalhar.
Se trabalhares, em breve o indolente te inveja a prosperidade.
Da riqueza é companheira o mérito (ἀρετή) e a glória.
Na situação que te deram os deuses, o melhor é trabalhar.
Cuida da tua vida, desviando o teu ânimo insensato
Das alheias riquezas para o trabalho, como eu te exorto.

DOIS MODELOS EM CONFRONTO

11A. ÉSQUILO, *Prometeu Agrilboado*, 441-471

Sobre isso me calarei, pois já sabeis o que havia de dizer-vos. Mas ouvi as desgraças dos mortais, como os tirei da cegueira anterior, para lhes dar entendimento e os dotar de razão. Dir-vo-lo-ei, não por ressentimento contra os
 \ homens,
mas para mostrar a benevolência dos meus dons. A princípio, olhavam sem ver, ouviam sem escutar, mas, semelhantes às formas dos sonhos, confundiam quanto havia, ao longo da existência. Não havia casa soalheiras construídas de tijolos, nem trabalho em madeira, mas habitavam em cavernas, quais ágeis formigas, nos recessos das grutas privadas de sol. Não possuíam sinais certos para conhecerem o
 \ inverno
nem a primavera florida, nem o frutífero estio, mas faziam tudo sem reflexão, até que eu lhe indiquei o nascimento dos astros e o seu ocaso, difícil de conhecer. Para eles inventei o número, cúpula do saber, e as combinações com as letras, memória de tudo, trabalho criador das Musas. Fui o primeiro a impor o jugo aos animais
 \ selvagens,
para obedecerem ao freio e ao homem, e sucederem aos mortais nos trabalhos mais pesados, e atrelei aos carros os cavalos que aceitam as rédeas, apanágio do luxo opulento. Ninguém mais, senão eu, inventou os veículos náuticos, de velas aladas, que correm os mares. Desgraçado! Eu, que descobri tamanhas técnicas Para os mortais, não tenho ciência que me liberte da miséria presente.

11B. SÓFOCLES, *Antígona*, 332-375

Muitos prodígios há; porém nenhum maior do que o homem. Esse, co'o sopro invernos do Noto, Passando entre as vagas fundas como abismos, o cinzento mar ultrapassou. E a terra imortal, dos deuses a mais sublime, trabalha-a sem fim,volvendo o arado, ano após ano, com a raça dos cavalos laborando. E das aves as tribos descuidadas, a raça das feras, em côncavas redes, a fauna marinha, apanha-as e leva-as o engenho do homem. Dos animais do monte, que no mato habitam, com arte se apodera; domina o cavalo de longas crinas, o jugo lhe põe, vence o touro indomável das alturas. A fala e o alado pensamento, as normas que regulam as cidades sozinho aprendeu; da geada do céu, da chuva inclemente e sem refúgio os dardos evita, de tudo capaz. Na vida não avança sem recursos. Ao Hades somente não pode fugir. Das doenças invencíveis os meios de escapar já com outros meditou. Da sua arte o engenho subtil para além do que se espera, ora o leva ora ao bem, ora ao mal; se da terra preza as leis e dos deuses na justiça faz fé, grande é a cidade; mas logo a perde quem por audácia incorre no erro. Longe do meu lar o que assim for! E longe esteja dos meus pensamentos o homem que tal crime perpetrar.

O COROLÁRIO SOCRÁTICO

12. XENOFONTE, *Memoráveis*, I, 5, 4-5

“Acaso não é forçoso que todo o homem que entende que o domínio de si mesmo (ἐγκράτεια) é a base da virtude (ἀρετή) comece por o preparar na sua alma? Quem é que sem ele poderá aprender ou cuidar dignamente de algo de bom? Ou não se servirá ignominiosamente da alma e do corpo, aquele que for escravo do prazer? Po Hera, a mim parece-me que um homem livre deve fazer votos por que se lhe não depare semelhante escravo, e que um servo de tais prazeres deve implorar aos deuses que lhe caibam em sorte amos bons. Só assim ele poderia salvar-se.”

13. PLATÃO, *Apologia de Sócrates*, 28b³

“Talvez alguém me diga: ‘Não te envergonhas, Sócrates, de te comportares de tal maneira, agora que corres o risco de ser morto?’ A esse darei uma resposta justa: não falas bem, se pensares que um homem que valha alguma coisa se deve preocupar com viver ou morrer. Quando age, não deve ter outra coisa em que pensar senão na justeza ou não justeza daquilo que faz e se é ou não um homem bom.”

14. PLATÃO, *Apologia de Sócrates*, 30ab³

“Nada mais faço do que andar pelas ruas a persuadir-vos, jovens ou velhos, a cuidardes mais da alma que do corpo e das riquezas, de modo a que vos torneis homens excelentes. E nada mais peço do que sustentar que a excelência (ἀρετή) não vem das riquezas, mas, pelo contrário, da excelência vêm as riquezas e todos os outros bens, tanto aos homens particulares como ao Estado.”

15. PLATÃO, *Fédon*, 68d-69b⁴

Sócrates – Não será justamente o receio de males ainda maiores que leva aqueles que são corajosos a enfrentar a morte, quando é caso de a enfrentarem? *Símias* – Nem mais nem menos. *Sócrates* – Por conseguinte, é de algum modo a receio, ao facto de recearem, que todos eles, à excepção dos filósofos, devem essa coragem – por muito ilógico que seja admitir que se possa ser corajoso por receio e cobardia ... *Símias* – Sem dúvida! *Sócrates* – E com respeito à temperança deste tipo de homens? Não estão eles também em idênticas circunstâncias, quer dizer, não é um desregramento que, de alguma forma, os leva a ser comedidos? (...) Receiam ver-se privados de certos prazeres a que aspiram: daí o absterem-se de uns quantos, para se deixarem dominar por outros! E muito embora digam que é desregramento soçobrar aos prazeres, eles próprios não estão fora disso, pois é a circunstância de serem dominados por uns que os leva a dominar os outros. (...) *Símias* – Assim parece, com efeito. *Sócrates* – Ora, meu caro *Símias*, talvez não seja processo adequado de troca em vista à virtude (ἀρετή), esse de trocar prazeres por prazeres, sofrimentos por sofrimentos, receios por receios – uns maiores por outros mais pequenos -, como se de moedas se tratasse. Talvez que, pelo contrário, haja uma única moeda adequada, capaz de assegurar a validade de todas estas trocas – a sabedoria (φρόνησις). Sim, talvez só por ela [e com ela] se possa de verdade [comprar e vender] coragem, temperança, justiça, numa palavra, a autêntica virtude (ἀρετή), que é a que vem acompanhada de sabedoria (φρόνησις), independentemente de se lhe associarem ou subtraírem prazeres, receios e assim por diante.

³ Tradução de JOSÉ GABRIEL TRINDADE SANTOS (Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1985).

⁴ Tradução (alterada) de MARIA TERESA SCHIAPPA DE AZEVEDO (Coimbra, Livraria Minerva, 1988).

OS “PARADOXOS SOCRÁTICOS”

Ninguém pratica o mal voluntariamente

É melhor sofrer a injustiça do que cometê-la

16A. PLATÃO, *Protágoras*, 345e-346^a

“Pois eu estou convencido que nenhum sábio pensa que um homem peca voluntariamente ou pratica acções infamantes por sua vontade; pelo contrário, todos sabem bem que os que fazem acções infamantes as fazem contra a sua vontade.”

17A. PLATÃO, *Críton*, 48d⁵

“É preferível sofrer o que quer que seja, a cometer uma injustiça.”

16B. PLATÃO, *Protágoras*, 345b

“O único modo de praticar o mal é estar privado de saber.”

17B. PLATÃO, *Críton*, 49b⁵

“Ainda que haja que sofrer penas mais duras ou mais leves, cometer injustiça é de toda a maneira vergonhoso e iníquo para quem a comete.”

16C. PLATÃO, *Protágoras*, 352cd

“Quando alguém conhece o bem e o mal, nada o pode forçar a agir contra o que o saber lhe ordena.”

A VINDICAÇÃO DE PÍNDARO

18. PLATÃO, *Ménon*, 100a

“Se houvesse um tal homem, poder-se-ia quase dizer que ele seria entre os vivos como Homero disse que Tirésias era entre os mortos, ao declarar que só ele tem sabedoria no Hades e que os outros são sombras errantes. O mesmo seria também certamente aquele homem – como uma coisa verdadeira entre sombras, no que toca à virtude (ἀρετή).”

⁵ Tradução de JOSÉ GABRIEL TRINDADE SANTOS (Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1985).